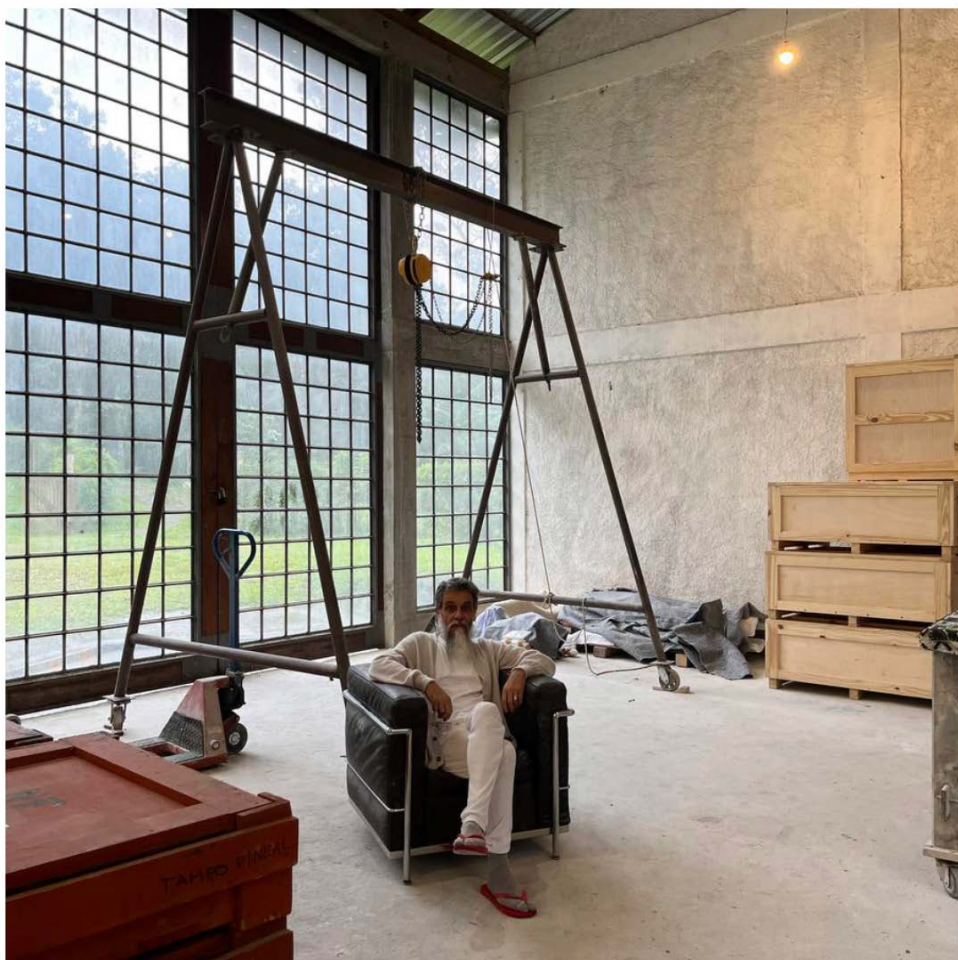


# ‘Tive uma percepção muito profunda do que é estar só’

06/04/2022 05:28



Obras. Nelson Felix em seu ateliê em Nova Friburgo, onde produziu os 13 desenhos que serão expostos na galeria Millan: “A vida ficou mais fina para mim e com períodos de alta sofisticação mental, de realizações e alinhamento de coisas”



Parede. O lacre vermelho, usado em "Vazio sexo", volta a ser usado por Felix

Para os gregos, a origem do pensar é o *thauma*, que significa espanto ou perplexidade. Toda explosão provoca espanto, e Aristóteles já dizia que a surpresa e a admiração causadas por um momento de perplexidade podem tirar uma pessoa da inércia e lançá-la em busca de conhecimento e reflexão. Em seu novo projeto solo, o artista plástico Nelson Felix, de 68 anos, fala sobre a explosão que a poesia faz nesse estado repentino de espanto, quando uma pessoa se depara com a percepção de algo

maior. A exposição “Ensaio para o desconforto” será apresentada pela galeria Millan na 18ª edição da SP-Arte, que será realizada de hoje a domingo no Pavilhão da Bienal no Parque Ibirapuera.

## **flores no trabalho**

O novo trabalho de Felix estará num estande individual da galeria e traz 13 desenhos, incluindo um desenho-escultura, no qual o artista utilizou mármore, laque vermelho e caules de rosas. O laque em vermelho — presente nas obras da série “Vazio sexo” — volta nesse trabalho de forma mais intensa, composto com o caule de rosas moldado em bronze.

— Como eu já estive envolvido em trabalhos com as mimosas pudica (*flor conhecida como dormideira*) e com os cactos, comecei a observar as rosas. Ela entrou no meu trabalho quando comecei a pensar sobre o reino vegetal profundamente — conta o artista, que vive há 40 anos numa casa cercada pela Mata Atlântica, em Nova Friburgo. — Fiquei completamente embebido de usar elementos vegetais no trabalho. Então comecei a colocar as mimosas em contato com os cactos. É a possibilidade do toque, o momento do espanto e da poesia — reflete Felix, gesticulando as mãos acostumadas a criar esculturas que podem pesar toneladas, construídas no ateliê que mantém ao lado de sua casa.

Uma das 13 obras expostas na SP-Arte tem escrito “Ao Sul tem espinho” por trás de uma camada de lacre vermelho. Para o artista, esta é a poesia desse trabalho.

— Tem uma coisa mais simbólica. O Sul é um hemisfério que foi menosprezado, mas que tem muita espiritualidade. As coisas

brotam no Sul, que é esquecido e tem uma potencialidade latente. A rosa tem espinhos, mas em compensação tem pétalas de extrema beleza e suavidade. O simbolismo é essa relação imediata entre o espinho e a suavidade. Uma potencialidade que explica por que o Sul tem espinho — afirma Felix, para quem há algo mais poético, que vai além do conceito. — O conceito você entende e, depois, acabou: você aprendeu alguma coisa. A poesia não quer ensinar nada. Ela nunca acaba, tem um lado meio obscuro, meio amorfo, que reaparece numa situação diferente, às vezes depois de anos. O trabalho fala sobre essa ideia de desconforto e da necessidade de uma coisa reaparecer e trazer transformação. O trabalho é uma ode a isso.

A exposição “Ensaio para o desconforto” estava guardada há dois anos, porque foi preparada às vésperas da pandemia.

— O trabalho sempre se chamou assim, e então veio a Covid-19, que foi o próprio desconforto — conta Felix, que durante a pandemia lançou o sétimo livro de sua obra: “Berceuse” (Martins Fontes), que abarca 33 anos de trabalho. Para ele, nada mudou com o confinamento, já que exerce naturalmente o distanciamento social onde vive. Em Nova Friburgo, Felix saiu recentemente da pequena casa onde morava para outra, menor, a poucos metros da primeira, transformada num local para estudos e desenhos. Mas sua verdadeira casa é o enorme ateliê, com pé-direito de oito metros e grandes blocos de carrara.

— *(Na pandemia)* Senti até umas pequenas culpas porque vi muita gente morrendo. E eu também corria um risco de pegar a doença. Mas não tive urgências vindas de fora e me senti muito bem. A vida ficou mais fina para

mim e com períodos de alta sofisticação mental, de realizações e alinhamento de coisas — diz Felix, que gosta da distância. — Tive uma percepção muito profunda do que é estar só, e isso envolve a distância. Eu tenho que saber que estou meio longe. Mas essa distância requer comunhão: de um lado extremamente interno e o outro de ter que se expor ou expor meu trabalho. É como se fosse o adubo para gerar esse estado mais poético.

## Mercado em recuperação

Além da Millan, a 18ª edição da SP-Arte apresenta outras 102 galerias, nove delas internacionais. Após uma edição 100% digital em 2020 e outra presencial em agosto de 2021, realizada no galpão Arca, na Vila Leopoldina, a feira volta a seu espaço original, no Ibirapuera — no ano passado, o pavilhão estava ocupado pela 34ª edição da Bienal de São Paulo. Para a fundadora da feira, Fernanda Feitosa, a retomada consolida ainda a recuperação do mercado diante da crise causada pela pandemia, uma realidade internacional. Divulgado na semana passada, o relatório anual da Art Basel/UBS mostrou um crescimento nas vendas de arte globais em 2021 de 29% em relação ao ano anterior.

— Além da retomada do mercado com a volta dos eventos presenciais, este cenário também diz muito sobre o papel dos colecionadores e da necessidade de apoiar as artes em seus momentos mais difíceis — observa Fernanda. (*Colaborou Nelson Gobbi*)